

Idps - os jovens como refugiados climáticos e as suas estratégias de adaptação

Por Elias Bascoro

Os eventos climáticos, como ciclones, secas e inundações, têm forçado milhões de pessoas a se deslocarem dentro e fora dos seus países. Estima-se que mais de 50 % dos deslocamentos internos globais estejam associados a choques ambientais, sobretudo em regiões vulneráveis com baixa capacidade de adaptação. Em África, a dependência da agricultura de sequeiro e a exposição a ciclones tornam jovens e famílias vulneráveis, forçando-os a migrarem. Em Moçambique, este fenómeno é ainda mais agravante, afetando principalmente crianças e jovens. Entretanto, além do impacto imediato sobre a vida destas populações, a mobilidade forçada dificulta o alcance de diversos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (SDGs), como educação de qualidade, saúde e bem-estar, redução das desigualdades e comunidades resilientes, ao interromper o acesso a serviços básicos, meios de subsistência e oportunidades de desenvolvimento humano.

Em Moçambique, os deslocamentos internos são heterogêneos e ocorrem em diferentes partes do país, refletindo a diversidade de choques climáticos e contextos de instabilidade. No centro do país, distritos como Buzi e Nhamatanda, na província de Sofala, e áreas da Zambézia, incluindo Quelimane, registam deslocamentos recorrentes associados a ciclones e cheias. No norte, sobretudo na província de Cabo Delgado, o deslocamento é fortemente influenciado pela violência armada, muitas vezes agravada por choques climáticos. De acordo com organizações como a IOM, o UNICEF e o ACNUR, mais de 60 % da população deslocada internamente é composta por crianças e jovens, o que evidencia a vulnerabilidade deste grupo etário. Para além dos dados agregados, os relatos individuais ajudam a compreender a dimensão humana do deslocamento juvenil. Em Buzi, na província de Sofala, um jovem de 17 anos deslocado após cheias severas relatou num relatório da OIM que

“A água levou tudo durante a noite: a casa, os cadernos da escola e a machamba do meu pai. Quando chegámos ao centro de acolhimento, dormíamos numa sala de aula com muitas outras famílias. Eu deixei de estudar durante meses para ajudar a reconstruir a nossa casa”

Este testemunho ilustra como eventos climáticos súbitos interrompem simultaneamente a habitação, a educação e os meios de subsistência, obrigando adolescentes a assumir responsabilidades precoces. Situações semelhantes foram documentadas em Nhamatanda, onde jovens acolhidos em escolas transformadas em centros temporários relataram dificuldades de integração escolar. Uma adolescente deslocada afirmou num relatório do UNICEF, 2023 que

“A escola virou abrigo, e depois já não havia espaço para estudar. Mesmo quando as aulas voltaram, não havia livros suficientes para todos”

Estes relatos ajudam a explicar por que apenas uma parcela reduzida de crianças e jovens deslocados consegue manter frequência escolar regular. No norte do país, em Cabo

Delgado, os relatos associados ao deslocamento por violência armada revelam experiências ainda mais traumáticas. Um jovem deslocado de Mocímboa da Praia, citado num relatório do ACNUR 2024, descreveu que

“Fugimos sem nada quando começaram os ataques. Caminhámos vários dias até chegar a Montepuez. Aqui estamos seguros, mas não sabemos quando vamos voltar nem o que vamos encontrar”.

Este tipo de deslocamento, marcado pela incerteza e pela perda de familiares, tem impactos profundos na saúde mental dos jovens e no seu sentimento de pertença. Outros jovens deslocados para comunidades anfitriãs na província de Nampula relataram desafios de integração social. Segundo um estudo da Organização Internacional das Migrações - OIM, um jovem afirmou que:

“As pessoas acolhem-nos, mas também é difícil, porque somos muitos e não há trabalho para todos.”

Este testemunho evidencia como o rápido crescimento da população altera a dinâmica demográfica das comunidades anfitriãs, intensificando a competição por recursos e oportunidades. Contudo, estes jovens desenvolvem estratégias de resiliência ligadas às condições dos centros de acolhimento e das comunidades anfitriãs. Em distritos como Buzi e Nhamatanda, jovens acolhidos em escolas e centros comunitários adaptados organizam grupos informais para partilhar alimentos, apoiar os adolescentes e manter rotinas básicas de estudo. Relatos recolhidos pela OIM e pelo UNICEF indicam que estes grupos de apoio entre pares ajudam a reduzir o isolamento e a lidar com o stress causado pelo deslocamento.

Outra estratégia recorrente é a venda de produtos agrícolas, pequenos comércios e trabalhos ocasionais, contribuindo para a subsistência familiar. Em centros de reassentamento em Montepuez e Chiúre, jovens relatam aprender novas técnicas agrícolas ou ofícios básicos, adaptando-se às condições locais e reduzindo a dependência de assistência humanitária. Portanto, estas iniciativas, embora informais, ajudam a preservar a motivação e a esperança num futuro mais estável.

Contudo, o deslocamento interno de jovens em Moçambique resulta da combinação entre choques climáticos e instabilidade armada, com Cabo Delgado como principal foco e Sofala, Nampula e Zambézia como províncias-chave de acolhimento. Embora enfrentem perdas significativas, os jovens demonstram resiliência através de redes de apoio, trabalho informal e participação comunitária. Apoiar estas estratégias é essencial para garantir respostas mais eficazes, humanas e alinhadas com o desenvolvimento sustentável do país.